

**CUSTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PREÇO DE VENDA: um estudo na
associação dos artesãos de Juazeiro do Norte**

PATRÍCIA OLIVEIRA PINHEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI (UFCA)

REBECA DA ROCHA GRANGEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI (UFCA)

CÍCERA EDNA DA SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI (UFCA)

CARLOS LEANDRO SOARES VIEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI (UFCA)

Agradecimento à órgão de fomento:

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP)

CUSTOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PREÇO DE VENDA: um estudo na associação dos artesãos de Juazeiro do Norte

1 INTRODUÇÃO

O artesanato é uma atividade intimamente relacionada ao processo humano de apropriação do trabalho, em que se percebeu a necessidade de criar e desenvolver artefatos para garantir sobrevivência, produzindo-os com as próprias mãos. O trabalho do artesão compõe características que agregam importante valor ao seu produto, em especial a conexão com as particularidades do território ao qual pertence e a história dele. Entretanto, como afirmam Vergara e Silva (2007), apesar do artesão dominar habilidades e técnicas falta-lhe, na maioria das vezes, preocupação com conhecimento sistêmico, que fragiliza sua capacidade empresarial.

Muitas dificuldades e ameaças que afetam o sistema de produção artesanal, entretanto, estão relacionadas a vários problemas ligados ao escasso conhecimento gerencial dos artesãos, dentre eles, é possível mencionar a dificuldade na formação de preços, cuja precariedade de conhecimentos influencia na ineficácia dos preços de seus produtos (VERGARA; SILVA, 2007). Nesse sentido, é possível perceber que são vários os desafios encontrados nesse segmento de mercado que afetam diretamente a decisão que o artesão precisa tomar para precificar seus produtos.

O preço é uma importante unidade de valor, visto que está relacionado a diversos fatores, possuindo ligação direta nas relações de consumo, determinação da participação de mercado e lucratividade dos negócios (CREPALDI, 2010). Nesse sentido, o processo de formação de preços é um assunto que interessa a diversos atores por estar presente em todas as transações comerciais, sobretudo, em determinados mercados que ainda apresentam poucos estudos sobre o tema, como é o caso do artesanato no Brasil.

Vale ressaltar que este artigo é apenas um dos subprodutos de um projeto de pesquisa maior, formalmente cadastrado em uma Instituição de Ensino Superior, que tem como escopo examinar os modelos de precificação utilizados por artesãos. Neste projeto de pesquisa, que tem maior amplitude, pretende-se observar as influências dos custos, do mercado e da concorrência nas estratégias de precificação empregadas por artesãos da cidade de Juazeiro do Norte/CE. A referida cidade foi escolhida como locus de pesquisa, pois se caracteriza como espaço privilegiado no que diz respeito à produção artesanal, uma vez que abriga artesãos de diversas tipologias e que são reconhecidos em território nacional e internacional (GRANGEIRO; BASTOS, 2018).

Para este artigo, optou-se por examinar apenas os elementos relativos aos custos envolvidos no processo produtivo artesanal, que impactam ou que deveriam impactar na formação de preço dos objetos criados. Pois, conforme observa Martins (2003), para administrar preços de venda é primordial se conhecer os custos do produto. Desta forma, propõe-se como problema de pesquisa: *como ocorre a gestão dos custos para a determinação do preço de venda do artesanato produzido em madeira pelos artesãos da Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte/CE?*

Justifica-se o exame dos custos no processo de fixação de preço no setor artesanal como objeto deste estudo a partir de fatores como a sua importância econômica local e territorial, visto a diversidade de artesanato presente em todas as partes do território nacional, variando de acordo com a cultura de cada região. Soma-se a isso a carência de pesquisas científicas sobre artesanato na área de Estudos Organizacionais (FARIA; SILVA, 2017). Tendência também observada em estudos voltados para a precificação de produtos oriundos do artesanato brasileiro.

Além da contribuição científica, este estudo apresenta uma relevante contribuição social. Contribuição esta que tem potencial de desenvolvimento dos empreendimentos artesanais. Pretende-se contribuir para que os artesãos aprimorem a metodologia de precificação adotada, bem como avaliem o atual processo de formação dos preços de venda de suas peças, pois como afirmam Vergara e Silva (2007, p. 35) ao tratar da atividade artesanal “é preciso investir na sua melhoria e conectar o artesão com as informações econômicas e de mercado que modelam o seu universo produtivo”.

Diante do exposto, determinou-se como objetivos deste estudo: i) identificar dados sócio-ocupacionais dos artesãos pesquisados, ii) investigar os custos de produção do artesanato em madeira pelos artesãos em estudo; iii) classificar os custos de produção artesanal em madeira; iv) investigar os fatores relacionados ao critério de custo utilizados na determinação dos seus preços de venda.

Assim, para cumprir os objetivos delineados, este trabalho encontra-se dividido em quatro partes, além desta introdução. Na seção seguinte será apresentado o referencial teórico. A terceira seção compreende o método de pesquisa adotado. Na seção quatro são apresentados e discutidos os resultados obtidos por meio da coleta de dados com os artesãos entrevistados e, por último, na quinta seção serão tecidas as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está dividido em duas etapas, a primeira aborda aspectos relativos à formação do preço de venda baseado nos custos utilizada para compreensão dos dados de pesquisa coletados. Na segunda subseção é apresentada atividade artesanal em Juazeiro do Norte que constitui o campo desta pesquisa.

2.1 Formação do preço de venda baseado nos custos

Os custos, segundo Bruni e Famá (2012), são medidas monetárias dos sacrifícios que a organização tem que cobrir para atingir os seus objetivos. Com o crescimento e o aumento da competitividade das empresas, os custos tornaram-se relevantes para a tomada de decisão empresarial (MARTINS, 2003).

Antes da revolução industrial, praticamente só existiam empresas comerciais que vendiam os produtos prontos adquiridos de artesãos, por isso, era utilizada apenas a contabilidade financeira, basicamente para avaliação do patrimônio e apuração do resultado do período. Com o desenvolvimento das empresas industriais, surgiu a contabilidade de custos integrando importante papel no sistema de informações gerenciais (BORNIA, 2002).

De acordo com Crepaldi (2010) a Contabilidade de Custos, portanto, faz parte da Contabilidade Gerencial, que apesar de inicialmente ter se preocupado apenas com a resolução de problemas de mensuração monetária dos estoques e do resultado, tornou-se um instrumento gerencial.

Neste contexto, Bornia (2002) afirma que os sistemas de custos passaram a ajudar a gerência da empresa no auxílio de controles, indicando a ocorrência de problemas ou situações não previstas através de comparações, padrões e orçamentos, e nas tomadas de decisões, com fornecimento de subsídios aos diversos processos decisórios importantes à administração das empresas.

O controle do custo é vital para qualquer empresa. Para as empresas sobreviverem na atualidade é imprescindível que o empresário conheça se os seus negócios estão gerando lucro, a fim de que possam ser tomadas decisões para aumentar as receitas ou reduzir os custos (SANTOS, 2017).

Segundo Santos (2017) todas as empresas têm estruturas de custos diferentes ainda que sejam do mesmo segmento, por isso mesmo existindo empresas que participem de mercados altamente competitivos que definam seus preços pelo mercado, há a necessidade da gestão dos custos.

A mensuração de custos dos produtos e serviços é, portanto, fundamental para a gestão financeira empresarial, visto a necessidade em saber quais os gastos que devem fazer parte da apuração do custo unitário dos produtos e serviços finais (PADOVEZE, 2006).

Santos, Alves e Barreto (2012) afirmam que o controle dos custos e adequada gestão da empresa a coloca em vantagem competitiva em relação às outras, tendo em vista a geração de lucro, sobrevivência e expansão no mercado.

Nesse sentido, a definição de preços é um assunto complexo, abordado em diversas áreas, entre elas, Administração Financeira, Contabilidade, Marketing e Microeconomia, pois envolve diferentes perspectivas e aplicações (MACHADO; MACHADO; HOLANDA, 2006).

Segundo Machado, Machado e Holanda (2006), a determinação do preço de venda de um produto e/ou serviço envolve um conjunto de informações e esforços, visto que o preço recebe influências do mercado, da capacidade dos consumidores o adquirirem, bem como de exigências na oferta, entre outros. Além disso, é necessário que os preços de venda sejam capazes de cobrir todos os custos e despesas, e ainda gerar receita acima dos custos para atividades com fins lucrativos.

Dessa maneira, é possível perceber que o processo de formação de preço não é tarefa tão simples, a depender da atividade e mercado que está inserido. O objetivo principal da decisão de preços, portanto, é a criação de valor àquele que faz o investimento e espera determinado retorno, sem descartar a possibilidade de outros objetivos estarem relacionados, como a expansão de vendas, crescimento de mercado, desvio da concorrência, garantia de sobrevivência, entre outros (PADOVEZE, 2006).

Portanto é dada a relevância do desenvolvimento de ferramentas gerenciais que permitam agilidade e aperfeiçoamento quanto ao processo decisório de definição dos preços de venda, pois como afirmam Santos e Martins (2012), quando se possui um sistema de informações bem definido, fortalece-se o negócio e suas expectativas de vida aumentam. E ainda quanto mais estruturadas as informações estiverem, melhores serão as condições para a tomada de decisão, sendo esta em relação ao preço do produto, ou em qualquer situação que demande base de dados.

De acordo com Martins (2003), para calcular preços o ponto inicial está no custo do bem ou serviço apurado, segundo o método de custeio adotado. Para o autor, o sistema de custos deve produzir informações necessárias e consistentes segundo a política da empresa, podendo os preços ser fixados com base nos custos, no mercado ou numa combinação de ambos.

A este respeito Crepaldi (2010, p.360) afirma que, “os métodos de fixação de preços são geralmente classificados com base em três critérios: custo; demanda e concorrência”. Para este trabalho será dado ênfase ao critério de formação de preços baseado nos custos, pois segundo (CALADO et al., 2007) é o mais tradicional e o mais utilizado no mundo dos negócios.

A formação de preços de venda baseada nos custos compreende um método em que os custos são utilizados como base para a precificação. Conforme afirma Padoveze (2006), essa abordagem parte do princípio de que o mercado está disposto a admitir os preços de venda estabelecidos pela empresa. No entanto, “este método ignora fatores do mercado, como a sensibilidade dos consumidores ao preço e os preços da concorrência e de produtos substitutos” (CREPALDI, 2010, p. 360), restringindo sua viabilidade, uma vez que o ambiente empresarial atual é cada vez mais competitivo. E ainda, o preço pode estar mais relacionado com fatores externos do que propriamente com seus custos (OLIVEIRA; PEREZ

JR., 2009). Contudo, a sistematização e o conhecimento sobre os custos são imprescindíveis, visto que através deles é possível obter parâmetros ou mesmo um padrão de referência para realizar análises comparativas (PADOVEZE, 2006).

Segundo Padoveze (2006), os gastos não podem ser tratados de uma única forma, mas também não devem ser considerados de maneira individualizada, por isso o processo de classificação dos custos tem o objetivo de agrupá-los em determinadas classes, a fim de facilitar na administração, apuração, análise e tomadas de decisão, cabendo ao administrador escolher o modelo mais adequado conforme suas exigências e limitações.

Os custos e despesas classificam-se de duas maneiras, a saber, “quanto ao objeto a ser custeado: custos diretos e indiretos; e quanto ao volume de produção ou venda: custos fixos e variáveis” (PADOVEZE, 2006, p. 40).

Na contabilidade, os gastos com o processo de fabricação são tidos como custos e os gastos com a área administrativa e comercial representam as despesas, de forma que poderão incorrer tanto custos e despesas fixas, como custos e despesas variáveis (MARTINS, 2003).

Os custos são variáveis quando sofrem variação conforme o volume de produção, enquanto os fixos não variam com alteração do volume. Os custos diretos são aqueles que podem ser medidos, identificados no produto de forma clara ou visualizados na relação com os insumos. Já os custos indiretos são todos os gastos que não podem ser alocados diretamente aos produtos, precisando de critérios de distribuição, mais conhecido como rateio. A partir dessa classificação dos custos e da definição dos gastos, é que se pode definir o método de custeio, determinando todos os demais fundamentos e processos decisórios da empresa (PADOVEZE, 2006).

Vale destacar que o tratamento dado aos custos fixos é determinado de acordo com o método de custeio utilizado (BORNIA, 2002). O método de custeio ou custeamento, por sua vez, define a forma de apropriação dos custos, em outras palavras, define a maneira pela qual deve proceder a acumulação e apuração dos custos, podendo ser classificado em duas opções gerais: método de custeio por absorção; ou método de custeio variável ou direto (CREPALDI, 2010).

No método de custeio por absorção todos os custos de produção, fixos, variáveis, diretos ou indiretos, devem ser incluídos no custo do produto. Já no método de custeio variável os custos fixos tem o mesmo tratamento que as despesas, uma vez que não sofrem variações proporcionais ao volume de produção e por isso são separados e considerados como despesas do período, deduzidos diretamente no resultado (MARTINS, 2003).

Dessa maneira, o custeio por absorção nem sempre é um método muito utilizado para tomada de decisão, devido principalmente ao fato de que os custos fixos irão existir independentemente da produção ou não, bem como do aumento ou da redução em certa quantidade fabricada, de determinado produto. Além disso, os custos fixos também podem ser analisados como encargos necessários para poder produzir e serem distribuídos por meio de critérios de rateio, envolvendo assim arbitrariedade de alguma forma. E ainda, o valor do custo fixo por unidade sempre irá variar conforme o volume de produção, ou até variar em função da quantidade produzida de outro produto (CREPALDI, 2010).

Apesar disso, a definição de preços a partir do custeio por absorção toma como base os custos totais de produção, despesas administrativas, comerciais e financeiras e a margem almejada (PADOVEZE, 2006) Por isso, segundo Lazier (2011, p. 79), “pode-se dizer que esta técnica assegura a recuperação total dos custos, bem como a obtenção da margem desejada”, e ainda está em conformidade com os princípios contábeis e com a demonstração de resultados tradicional.

Já na definição de preços com base no custeio variável o valor básico de referência segundo Padoveze (2006, p. 312), “são os custos diretos ou variáveis, mais as despesas variáveis do produto que possam ser identificadas”. Depois disso, é que deve ser aplicada uma

margem, capaz de cobrir a rentabilidade desejada, bem como os custos e despesas fixas. Dessa forma, para Lazier (2011, p. 80) “a empresa tem mais liberdade em descobrir como maximizar os lucros por meio da análise custo/volume/lucro”.

Por essas razões, o custeio variável é geralmente mais utilizado para efeitos internos da organização, uma vez que apesar de não ser aceito pelas autoridades fiscais, oferece mais vantagens para momentos de tomada de decisão, como é o caso da formação de preço de venda (CREPALDI, 2010).

Em suma, a definição dos preços de venda orientada pelos custos pode ser realizada a partir de qualquer um dos métodos de custeio. Conforme Lazier (2011), nesse tipo de sistema existem estratégias de precificação que acrescentam uma margem aos custos identificados, sendo comum a utilização do mark-up, o qual segundo Crepaldi (2010) consiste no valor que é acrescentado ao custo do produto para definir o preço de venda final.

Padoveze (2006) afirma que o mark-up é utilizado como um fator de multiplicação aplicado sobre o custo dos produtos, para indicar qual deve ser o preço de venda de forma rápida, e deve ser estimada a fim de cobrir despesas, margem de lucro e impostos. Dessa forma, o mark-up irá variar conforme a base de custo escolhida a partir do método de custeio.

2.2 Artesanato em Juazeiro do Norte/CE

O artesanato compreende uma atividade de trabalho que atravessou séculos e está intimamente ligada ao processo evolutivo da humanidade, sobretudo, por uma de suas características principais, que independem do tempo e território: a produção manual. Conforme Chiti (2003), o trabalho de produção manual, foi concebido a partir da percepção do ser humano sobre sua necessidade em criar e desenvolver artefatos que garantissem sua sobrevivência e bem-estar individual e coletivo.

A produção artesanal do estado do Ceará é considerada uma das mais diversificadas do país. Ainda, o artesanato é o principal meio de subsistência em pequenos municípios do estado cearense (OLIVEIRA, 2009). No Ceará, a Região Metropolitana do Cariri, distingue-se por reunir artesãos de diversas tipologias, bem como pela forte tradição que possui a atividade artesanal em seu território (GRANGEIRO; BASTOS, 2016).

Originalmente o artesanato no Cariri tem suas raízes nas atividades dos índios Kariri (RABELLO, 1967). De acordo com Della Cava (2014), a difusão e expansão do artesanato ocorrem com o crescimento econômico da região a partir de 1890, devido à devoção ao Padre Cícero Romão Batista.

Segundo Rabello (1967), os moradores do povoado eram aconselhados pelo capelão a fazerem de suas casas um altar e uma oficina. Eram incentivados a não depender unicamente do trabalho rural e a procurar outras atividades econômicas de sustento. Tais ações, pautadas no trabalho e fé, foram determinantes para o desenvolvimento de diversos aspectos, religiosos, políticos, econômicos e sociais, de Juazeiro e da região. A partir daí o trabalho artesanal começou a ser estabelecido como atividade econômica de subsistência na região.

Conforme aponta Araújo (2006), o evento conhecido como “milagre em Juazeiro” marcou profundamente a história do local. O fenômeno consistia na transformação em sangue da hóstia recebida pela beata Maria de Araújo em missa celebrada pelo Padre Cícero. Tal acontecimento começou a atrair diversos migrantes e muitos fiéis, promovendo o crescimento populacional e estimulando o início das romarias. Tudo isso impulsionou as atividades artesanais, dando início à produção de objetos de culto religioso, além dos produtos que já estavam sendo desenvolvidos (RABELLO, 1967).

Dessa maneira, o trabalho artesanal outrora dedicado apenas para produção de objetos necessários ao uso cotidiano, passava para um novo contexto e o trabalho artesanal voltava-se

para a produção de artigos a serem comercializados, ganhando valor econômico e compreendendo geração de renda (DELLA CAVA, 2014).

A atividade artesanal vivenciou um forte período de ascensão em Juazeiro do Norte e região graças aos incentivos do Padre Cícero, grande incentivador da atividade artesanal (SANTOS; FELIX; GRANGEIRO, 2018). A propagação da produção artística cruzou fronteiras e diversos produtos artesanais conquistaram espaço no mercado, ganhando destaque a tipologia de artesanato em madeira (OLIVEIRA, 2009).

Na tipologia de madeira, Inocêncio da Costa Nick se destaca como mestre artesão mais célebre do local. Conhecido como Mestre Noza, tornou-se conhecido como artista popular, escultor e xilogravurista (OLIVEIRA, 2009). Um importante fato que marcou sua trajetória e o levou ao mercado internacional, foi quando Mestre Noza gravou a “Via Sacra” e sua produção de xilogravura foi editada em Paris, expandindo sua carreira de maneira mais ampla (PORTO ALEGRE, 1994).

Dada tamanha relevância do talentoso mestre popular, o cognome do artista intitulou o Centro de Cultura Popular Mestre Noza, localizado no município de Juazeiro do Norte, onde também se localiza a Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte. A madeira está entre as tipologias de artesanato, mais utilizadas pelos artesãos associados (NOVAES, 2011).

Os artefatos produzidos utilizando a madeira como matéria-prima são diversos, pois os artesãos criam peças que remetem ao território que pertencem, seus costumes e singularidades, consistindo na produção de santos e do Padre Cícero, personalidades do Nordeste, artigos religiosos e de recordação, animais de diferentes tipos e formas, esculturas, instrumentos musicais, brinquedos populares, entre outros (OLIVEIRA, 2009).

Entretanto, o setor de produção artesanal em Juazeiro do Norte, em termos gerais, não tem vivido um tempo próspero nos últimos anos. Tal setor vem perdendo sua centralidade econômica no município, até tornar-se, nos anos 2000, uma atividade marginal que não aparece no cálculo do PIB Municipal devido baixa participação no mesmo (GRANGEIRO; SILVA JÚNIOR, 2013).

Dentre os principais fatores que contribuem com essa situação, aborda-se substituição dos produtos artesanais por produtos industrializados (NOVAES, 2011; GRANGEIRO, 2015). Cabe expor também que, o interesse pelo artesanato produzido em Juazeiro do Norte tem sido maior pelos turistas que visitam a cidade, do que pelos seus próprios habitantes (VITORIANO, 2004). Diante das fragilidades apresentadas, acredita-se que uma gestão mais eficiente da atividade artesanal e mais especificamente que a gestão dos custos podem auxiliar os artesãos no desenvolvimento dos seus trabalhos.

3 MÉTODO

Durante a busca de material bibliográfico, não foi encontrada pesquisa sobre como artesãos fazem a gestão dos custos para a determinação do preço de venda do artesanato. Tão pouco foi encontrado artigo com este escopo tendo como sujeitos artesãos em madeira. Diante da carência de estudos sobre a temática, considera-se a presente pesquisa como exploratória. Ela é também descritiva, na medida em que busca levantar informações que permitam caracterizar o fenômeno examinado.

Em função do caráter de ineditismo do tema estudado, optou-se por realizar pesquisa de cunho qualitativo, para conhecer a partir do discurso dos artesãos suas opiniões, ideias e argumento a respeito dos custos envolvidos no processo produtivo e como eles se refletem na formação do preço. Esta pesquisa também pode se caracterizar como quantitativa, na medida em que busca quantificar em que medida os critérios de custo interferem no processo de precificação do objeto artesanal.

3.1 Instrumento

Para realizar o levantamento dos dados, optou-se pela construção de questionário. Este questionário foi organizado em quatro partes. Na primeira buscaram-se informações de identificação do artesão (sexo, idade, escolaridade, tempo de trabalho com artesanato); a segunda compreende o levantamento de informações relativas à organização do trabalho e da capacidade produtiva e gerencial dos artesãos (tempo dedicado ao trabalho, matéria-prima utilizada, quantidade de peças produzidas e vendidas); a terceira parte inclui questões dissertativas, tendo em vista deixar os artesãos livres para indicar suas percepções sobre custos e formulação do preço; na quarta parte foi proposta uma escala tipo Likert, contendo afirmativas que pudessem indicar os aspectos relevantes quanto ao critério de custo na formação de preço.

Uma vez que este estudo sobre formação de preço de objetos artesanais é inovador, optou-se pela utilização de questões dissertativas por acreditar que elas dariam margem para respostas inesperadas e que fogem do padrão de formação de preços de produtos e serviços já consolidados na literatura científica.

3.2 Participantes

Os sujeitos da presente pesquisa consistem em artesãos que estão associados na Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte, e utilizam a madeira como matéria-prima na confecção de suas peças.

De acordo com o atual presidente da Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte, no momento estão associados 114 artesãos de diferentes tipologias, sendo 48 da tipologia madeira, que residem em Juazeiro do Norte e municípios vizinhos.

Grande parte dos artesãos associados não utiliza o espaço da Associação para realizar suas atividades produtivas, como foi possível perceber durante a coleta de dados na pesquisa de campo, sendo necessário até mesmo realizar visitas nas residências de alguns dos artesãos, para ampliar a amostra de sujeitos para coleta de dados. Assim, em virtude da desatualização cadastral dos artesãos na Associação, além de dificuldades relacionadas à identificação e localização destes, não foi possível entrevistar toda a população. Ao todo, foram entrevistados 43 artesãos associados que produzem artesanato em madeira. Assim, pode-se considerar que a amostra é estatisticamente significativa para as análises quantitativas e qualitativas desta pesquisa.

3.3 Procedimentos de coleta e análise de dados

Os dados foram levantados por meio de coleta de dados primários, através de questionário desenvolvido e aplicado em formato de entrevista estruturada, em razão do nível elementar de escolarização formal dos sujeitos da pesquisa. Os dados foram coletados entre os meses de fevereiro e abril de 2018. Vale ressaltar que o instrumento de pesquisa passou por pré teste, onde foi coletado dados junto a três artesãos.

Antes da realização das entrevistas, o objetivo da pesquisa foi explicado, bem como foi garantido sigilo e anonimato das informações prestadas, sendo solicitado aos entrevistados que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Informado. Este documento comprova a livre participação dos artesãos na presente pesquisa e garante o cumprimento dos critérios éticos de pesquisas em Ciências Sociais Aplicadas.

As entrevistas também foram gravadas com a autorização dos artesãos, e puderam ser transcritas, a fim de auxiliar a análise de dados.

Quanto aos procedimentos de análise de dados, foi utilizada a combinação de análises quantitativas e qualitativas. As respostas das questões de múltipla escolha que compõem o questionário puderam ser analisadas estatisticamente. Especialmente a quarta etapa do questionário, composta por uma escala tipo Likert, em que foi possível aplicar análises estatísticas descritivas. Para a tabulação e análise destes dados, foram utilizados o excel e o *software* estatístico SPSS. Quanto à análise qualitativa, as transcrições das entrevistas e todos os trechos de fala dos artesãos registrados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo, tendo como base o referencial teórico construído.

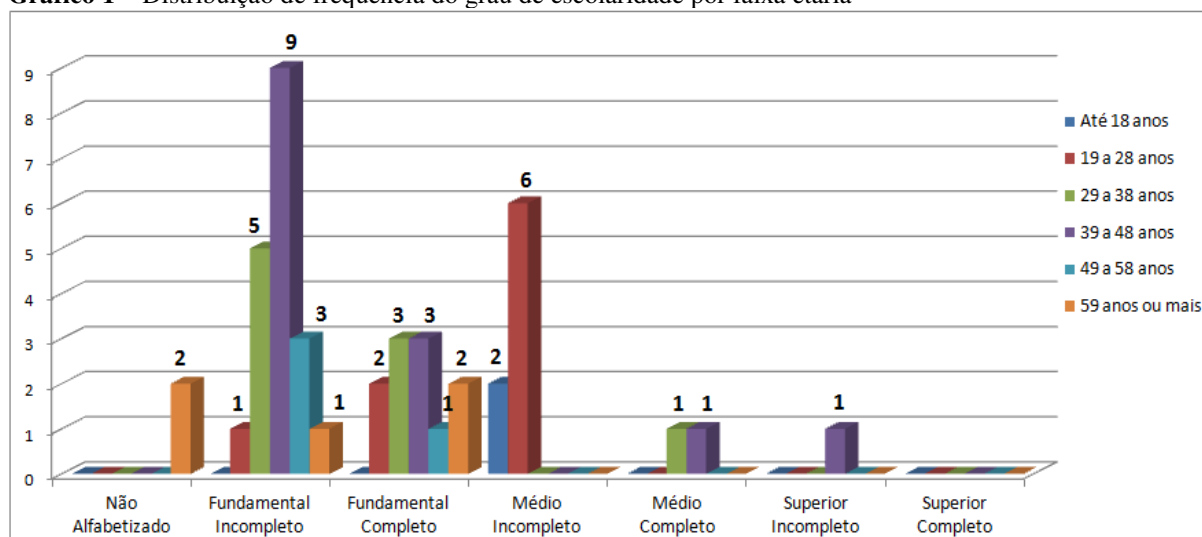
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O artesanato consiste em uma atividade predominantemente manual, que compreende a produção em pequena escala de objetos que agregam significativo valor cultural, devido características que remetem às particularidades históricas do território ao qual pertence (VERGARA; SILVA, 2007). Tais características estão presentes nos produtos artesanais de madeira, produzidos pelos artesãos associados na Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte/CE.

A partir das informações coletadas, verificou-se que 77% (33) compõem artesãos do sexo masculino e apenas 23% (10) são do sexo feminino. A maior parte da amostra reside em Juazeiro do Norte, onde também está localizada a associação, contando com 93% (40) de artesãos distribuídos pelos diversos bairros do município. A idade dos artesãos entrevistados varia entre 16 e 73 anos e os dados sobre o grau de escolaridade revelam que a maior parte possui ensino fundamental incompleto com percentual de 44% (19).

Verificou-se que é elementar o grau de escolaridade da amostra, visto que o maior índice se refere aos artesãos que não concluíram o ensino fundamental e possuem entre 39 a 48 anos de idade. Além disso, 67% (29) da amostra estão acima da faixa etária de 19 a 28 anos e não concluíram a educação básica, conforme é possível observar no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição de frequência do grau de escolaridade por faixa etária



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Estes dados são corroborados por Grangeiro e Bastos (2018) ao observarem baixos níveis de escolaridade também entre artesãos situados na região do Cariri. O domínio das habilidades e técnicas na produção manual dos sujeitos da pesquisa é associado ao tempo de profissão dos artesãos, os quais geralmente iniciam suas atividades ainda bastante jovens, bem como passam muitas vezes determinados períodos observando os chamados mestres-artesãos.

A maior parte dos entrevistados destina entre 5 a 6 dias da semana à atividade artesanal. E em relação à quantidade de horas dedicadas, estes o fazem entre 5 a 8 horas por dia em média. Porém, destaca-se que, grande parte dos artesãos ressaltou que quando há encomendas, às vezes com prazos mais curtos para entrega, eles aumentam a dedicação na produção das peças, tanto em dias quanto em horas para atender a demanda.

Isto é uma diferença marcante entre o trabalho artesanal e o emprego formal registrado conforme leis trabalhistas. Enquanto o emprego formal não deixa margens para dúvidas sobre o horário de trabalho, pois ele é fixo e definido pelo empregador, na atividade artesanal, o tempo de trabalho e não-trabalho é definido pelo próprio artesão. Assim, a organização e planejamento do trabalho toma forma a partir das emergências e/ou oportunidades que se apresentam.

Convém destacar, que alguns artesãos evidenciaram não se dedicar ainda mais à atividade, devido seu trabalho requerer determinado tempo para descanso, tendo em vista o desenvolvimento do processo criativo. Segundo os resultados da escala de frequência, nenhum artesão afirmou custear assessoria em designer para desenvolver novas peças. Este tempo deveria ser contabilizado como tempo de trabalho, mas em geral, os artesãos não o consideram como parte do processo produtivo, conforme relatos:

[...] na segunda-feira a gente não tem muito interesse de trabalho, é hora da gente pensar. (ARTESÃO 10)

Oito horas, porque tem o cansaço, o cansaço físico e cerebral, você tem que relaxar porque trabalhar com escultura não é brincado, você pensa que é brincado, não é! É muito puxado na mente e o corpo também sofre. (ARTESÃO 02)

Ainda sobre o tempo que destinam ao artesanato, também houve relatos sobre a necessidade em conciliar a atividade artesanal com as tarefas de casa, bem como problemas de saúde causar impedimentos para maior dedicação. O fato é que o tempo dedicado à atividade é considerado um custo direto, cuja mensuração é de extrema importância tendo em vista condições para avaliar a capacidade produtiva, bem como a remuneração pelas horas trabalhadas, cujos elementos são essenciais nas decisões de apreçamento.

Nesse sentido, foram levantados questionamentos relativos à capacidade produtiva e gerencial dos artesãos, contudo, apenas um artesão afirmou ter o controle dos seus custos e despesas. Quando instigado sobre qual seria a ferramenta de controle utilizada, o mesmo informou que organiza tudo em uma planilha no celular. No entanto, o mesmo não soube informar quanto produz em média por mês, reforçando as fragilidades dos artesãos em geral com habilidades de capacidade gerencial. Além disso, verificou-se que os artesãos entrevistados demonstraram possuir pouco conhecimento sistematizado, tornando-se vulneráveis, por exemplo, a situações que exijam planejamento, conforme relatos.

Ultimamente, tá com mais de dois mês que eu tô fazendo só peça grande, tem essas duas grande ali, que é duas favelas. Tá com uns três mês que num vendi nenhuma peça, até agora só produzindo, aí eu terminei ela lá e tô começando essa. Enquanto não chega a feira a gente tá aqui se aparecer alguma venda, [...] enquanto não aparece outra vamos fazer o quê né, tem que esperar. (ARTESÃO 24)

Eu vendi uma peça de São Jorge por 4.500, e fiz outro e vendi por 3.000, por quê? Por necessidade, quer dizer não chegou o cliente certo e eu tava precisando, então acontece isso. Então esse é só por conta disso, e a gente que trabalha nisso tem que vender de qualquer maneira, se não vender pra suprir as necessidades da pessoa o bixo pega. (ARTESÃO 07)

A falta de planejamento expostas nos relatos revela dificuldades que os artesãos enfrentam e que repercutem na fixação dos seus preços de venda, potencializando perdas, prejuízos ou mesmo minimização do lucro para os mesmos. Além disso, observou-se que a falta de uma ferramenta de controle para auxiliá-los, fragiliza o artesão quanto ao gerenciamento das informações que contribuem com os processos decisórios e fortalecimento dos seus negócios (SANTOS; MARTINS, 2012).

Observou-se que a forma mais utilizada para se relacionar com o mercado artesanal ocorre a partir do conhecimento empírico que eles possuem do ramo, devido o nível de escolaridade elementar aliado ao longo tempo dedicado à profissão. Isto pode ser evidenciado a partir das justificativas dos artesãos em não utilizar ferramentas de controle dos custos e despesas. Eles afirmam terem tudo na mente, controlar de cabeça ou a “olho”.

Apesar disso, conforme observa Martins (2003), para calcular preços o ponto inicial está no custo do bem ou serviço apurado. Dessa maneira, o Quadro 1 apresenta os principais custos na produção do artesanato em madeira identificados nas falas dos entrevistados e facilita a análise sobre os tipos de custos incorridos até que seja constituído o produto final.

Quadro 1 – Classificação dos custos de produção artesanal em madeira

Custos de produção artesanal em madeira	Custos Diretos	Material Direto	Matéria-prima	Madeira	Direto Variável	Variam diretamente em relação à quantidade e/ou tamanho da peça.	
			Material Secundário	De acordo com o tipo de peça (Aro para chaveiro, olho de vidro)			
			Embalagem	Sacola, plástico bolha, caixa e caixote			
			Mão de Obra Direta	Individual ou Coletiva			
	Custos Indiretos	Material Indireto		De acordo com o tipo de peça (Lixa, cera, verniz, prego, cola, pó de madeira, pincel, bisnaga, álcool, tinta, ouro, corda, tecido, couro)		Indireto Variável	Variam de acordo com a quantidade e/ou tamanho da peça e necessitam da utilização de critérios de rateio.
		Energia		De acordo com o local de trabalho do artesão (Associação ou Domicílio)		Indireto Variável	Variam proporcionalmente ao volume produzido de peça e não podem ser identificados diretamente, necessitando da utilização de critério de rateio.
Depreciação de ferramentas		Indireto Fixo	Tendem a manter-se constantes nas alterações do volume de produção e não podem ser identificados diretamente, necessitando da utilização de critério de rateio.				

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A matéria-prima consiste em um custo direto e variável, visto que os entrevistados em sua maioria afirmaram comprar a madeira, e esta por sua vez varia diretamente em relação à quantidade e/ou tamanho da peça. Houve apenas um relato de que a madeira é adquirida em sítio particular, neste caso não há compra da madeira, mas conforme declarado pelo artesão há o desembolso para a extração. Esse resultado em que a compra da matéria-prima representa a principal forma de aquisição pelos artesãos, condiz com estudos que abrangem todas as tipologias (GRANGEIRO, 2015).

A mão de obra dos artesãos para produzir suas peças consiste em um custo direto, dado o contato direto com o processo de fabricação do produto final, cujo tempo despendido e identificação de quem executou o trabalho é possível ser mensurado sem necessidade de critérios de rateio (CREPALDI, 2010).

Nota-se que a produção coletiva por parte dos artesãos é pouco frequente, mas quando isso acontece, observou-se que em geral está relacionada a questões de encomenda, em sua maioria para cumprir prazos, de forma que alguns artesãos revelaram pagar um percentual do valor da peça pelo acabamento e finalização. Houve relatos de que isso também ocorre quando o artesão não costuma fazer a finalização da peça, pagando pelo acabamento. E ainda, relatos evidenciaram que membros da família muitas vezes trabalham no acabamento das peças, ora sem cobrar nada, ora recebendo pouco por isso, no intuito maior de colaborar com a atividade, tendo em vista a fonte de renda da própria família.

Convém destacar aqui que esta forma de colaboração em que membros da família muitas vezes fazem, contribui para o aprendizado dos mais novos, sendo inclusive uma das maneiras cuja atividade é repassada de geração em geração. Em suma, evidenciou-se que além da mão de obra direta do próprio artesão, existe em alguns casos a mão de obra direta daqueles que se responsabilizam pelo acabamento.

Todos afirmaram utilizar outros materiais na produção além da matéria-prima, sendo citado tanto materiais diretos secundários como aro para chaveiro e olho de vidro, como os seguintes materiais indiretos: lixa, cera, verniz, prego, cola, pó de madeira, pincel, bisnaga, álcool, tinta, ouro, corda, tecido, couro. Tais materiais são utilizados de acordo com o tipo de peça e variam conforme a quantidade e/ou tamanho da peça produzida, porém os materiais classificados como indiretos se dão ao fato de que, apesar de alguns serem diretamente identificados no produto, necessitam da utilização de critérios de rateio para fazer a apropriação ao produto final (MARTINS, 2010).

Outros custos indiretos foram evidenciados durante as entrevistas, como a energia elétrica consumida na produção, devido à utilização de algumas ferramentas. Entre os entrevistados, alguns mencionaram utilizar furadeira, lixadeira, faca, burlil, formão, facão, serra e goiva, dessa forma, o desgaste de tais ferramentas também caracterizam outro custo indireto, o de depreciação. No entanto, verificou-se que os artesãos não consideram esse custo no cálculo dos seus preços de venda.

Vale destacar que, tais custos indiretos estão relacionados, sobretudo, de acordo com o local de trabalho do artesão, visto que boa parte dos associados não utiliza o espaço da Associação para realizar suas atividades produtivas, diferindo de outros que costumeiramente trabalham lá, utilizando algumas vezes das mesmas ferramentas, além de não possuírem gastos com energia elétrica, que é paga pela prefeitura segundo eles.

Dessa maneira, nota-se que os artesãos em estudo possuem estruturas de custos particulares e bastante relativa quanto ao tipo de peça produzida, local e forma de produção. Além disso, os artesãos revelaram pagar um percentual do valor da peça vendida para a Associação, destinado para cobrir tanto determinados custos como com embalagens, e cobrir despesas comerciais e administrativas.

De acordo com as informações coletadas, o percentual pago para a Associação também se refere à utilização do espaço para a exposição de suas peças, ou por deixá-las numa espécie de consignação. Acredita-se que a Associação, apesar de buscar minimizar dificuldades enfrentadas pelos artesãos, tanto em relação ao processo produtivo, quanto em relação à comercialização, observou-se que a mesma repassa aos produtores, os gastos incorridos nas vendas de seus produtos, quando esta assume uma posição de intermédio, a fim de garantir o próprio funcionamento.

Dessa maneira, evidenciou-se nessa fase da pesquisa, que muitos artesãos não fazem distinção entre custos e despesas, no entanto parte deles apresentou possuir conhecimento sobre os elementos que compõem os custos do seu produto. Assim, observou-se que os custos apresentam relevância na formação dos preços de venda dos artesãos entrevistados.

Nesse sentido, dados foram obtidos a partir da aplicação de escala de frequência sobre a formação de preço baseado no critério de custo, conforme exposto na Tabela 1. A partir dos

resultados apresentados, nota-se que mais da metade dos artesãos entrevistados afirmaram “Sempre” formar seus preços com base nos custos, com 53% das respostas. Os demais o fazem com menor frequência e apenas 14% declararam que seus preços “Nunca” são baseados nos custos. A frequência média sobre os preços dos artesãos serem baseados nos custos é de 3,84, (com desvio padrão igual a 1,48). E a mediana e moda para essa variável foram iguais à “Sempre”, evidenciando que o critério de custos tem significativa influência sobre a formação dos preços de venda dos artesãos entrevistados.

De acordo com Crepaldi (2010), é comum em métodos baseados no custo que o sistema de preços utilizado funcione com o acréscimo de uma margem sobre o custo. Nesse sentido, verificou-se que apesar dos artesãos não possuírem um método fundamentado no conhecimento sistematizado, em 47% dos casos (valor mais frequente), o preço de venda é definido pelos artesãos “Sempre” adicionando um determinado valor aos custos do produto.

Tabela 1 – Escala de frequência para critério de custo

	*1	*2	*3	*4	*5	Média(DP)	Mediana	Moda
Meus preços de venda são baseados nos custos	14%	5%	16%	12%	53%	3,84(1,48)	5	5
Adiciono ao custo de aquisição da matéria-prima uma margem para obter lucro	40%	2%	12%	7%	40%	3,05(1,87)	3	5
“Adiciono ao custo de produção total uma margem para obter lucro”	30%	2%	19%	9%	40%	3,16(1,72)	3	5
Adiciono aos custos do produto um determinado valor para definir o preço de venda	33%	7%	9%	5%	47%	3,07(1,83)	4	5
Conheço o valor mínimo que gasto para produzir uma peça	35%	5%	12%	7%	42%	2,98(1,81)	3	5
Sofro prejuízo no preço de venda ao estimar um tempo de produção menor que o tempo trabalhado	33%	15%	38%	8%	8%	2,32(1,27)	3	3

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

*1=Nunca; 2=Raramente; 3=Algumas vezes; 4=Muitas vezes; 5=Sempre

Dessa forma, observou-se que mesmo a partir do conhecimento empírico, para a maior parte da amostra a formação dos preços de venda dos artesãos é estabelecida a partir da fixação de mark-up, visto que o mark-up consiste no “valor acrescentado ao custo de um produto para determinar o preço de venda final” (CREPALDI, 2010, p. 360).

Quando questionados sobre a frequência com que conhecem o valor mínimo gasto para produzir uma peça, observou-se ser mais frequente (moda) entre os entrevistados “Sempre” conhecê-los, com 42% das respostas. No entanto, nota-se que o segundo valor mais frequente está no extremo oposto, em que 35% afirmaram “Nunca” conhecê-lo. A mediana da amostra para essa variável ocupou a posição central em algumas vezes.

Assim, reforça-se a importância que há na apuração dos custos pelos artesãos, visto que ao basear seus preços no critério de custos, é de fundamental importância a escolha de um método de custeio adequado, que proporcione aos artesãos conhecer valores relevantes como o gasto mínimo de uma peça, que indique e garanta que seus preços estarão sendo capazes de cobrir todos os custos e despesas e ainda gerar lucro.

Quando questionados quanto a sofrer prejuízo no preço de venda ao estimar um tempo de produção menor que o tempo trabalhado, observou-se que para a maior parte da amostra isso ocorre “Algumas vezes”, com 38% das respostas. Em contrapartida, nota-se que o segundo valor mais frequente, com 33% de frequência, os artesãos afirmaram que isso “Nunca” ocorre. Dessa forma, evidenciou-se que os artesãos em geral reconhecem sofrer prejuízos relativos ao tempo de trabalho quando estimado. Porém há indícios de que boa parte

não reconhece sofrer tais prejuízos devido ao mau dimensionamento do tempo de trabalho, visto que possuem uma autonomia em seus horários e não possuem controle exato de suas horas trabalhadas, conforme exposto inicialmente.

Finalmente, os artesãos revelaram vários fatores que consideram mais importantes na determinação dos preços de venda de suas peças. Dessa maneira, a Tabela 2 apresenta em resumo estes fatores citados pelos artesãos, e que estão diretamente relacionados ao critério de custo. Tais fatores foram elencados de acordo com a distribuição de frequência, sendo “N” o número de vezes mencionado nas respostas.

Observou-se que o tempo gasto na produção das peças é um dos fatores considerado mais importante pelos entrevistados, sendo este o mais mencionado. Entretanto, muitos artesãos afirmaram nem sempre ser possível levar em consideração todo o tempo dedicado, visto que dessa maneira as peças iriam ter um preço mais elevado, dificultando a obtenção de suas vendas. Acredita-se que isso ocorre em casos que o artesão considera não obter o lucro desejado sobre o valor do custo de trabalho da sua mão de obra.

Tabela 2 – Principais fatores segundo critério de custo para determinação dos preços de venda dos entrevistados

Critério para Determinação dos Preços de Venda	Fatores que os artesãos consideram mais importantes	N (frequência nas respostas)
CUSTO	Tempo de produção da peça;	15
	Produção dos detalhes, qualidade, beleza, referências e desenho da peça;	14
	Gasto de matéria-prima e outros materiais;	13
	Grau de dificuldade da produção, tamanho e/ou peso da peça;	10
	Custos do trabalho com a peça;	7

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Entre os fatores considerados mais importantes, os artesãos também revelaram julgar decisivo na formação de seus preços de venda aspectos bem específicos da atividade artesanal e em alguns casos dotado em certa medida de subjetividade, como é o caso da beleza da peça. Contudo, a partir das respostas dos entrevistados, evidenciou-se que tais fatores estão relacionados ao seu processo produtivo.

Dessa maneira, nota-se que a produção dos detalhes, qualidade, beleza, referências e desenho da peça estão entre os fatores mais frequentes, e assim como o grau de dificuldade na produção, tamanho e/ou peso da peça, são levados em consideração no momento da precificação, tendo em vista o valor da mão de obra direta dos artesãos.

Entre os entrevistados, alguns também ressaltaram considerar importante na determinação dos seus preços de venda os gastos com a matéria-prima e com outros materiais, como também o custo do trabalho em geral com a peça, sob a perspectiva dos custos totais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa, exploratória e descritiva, foi possível examinar qualitativa e quantitativamente como os elementos relativos aos custos envolvidos no processo produtivo artesanal exercem influencia na formação de preço de venda do artesanato produzido em madeira pelos artesãos da Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte/CE.

Nesse sentido, evidenciou-se que para a maioria dos artesãos pesquisados os custos são bastante importante, apesar de não praticar separação entre custos e despesas, nem utilizar um método de custeio que sirva de base para realizar apurações. Os artesãos pesquisados possuem um nível de escolaridade elementar, que os distancia dos métodos fundamentados no conhecimento sistematizado. Dessa maneira, nota-se que os mesmos utilizam os conhecimentos em geral obtidos ao longo do tempo dedicado à profissão.

Os produtos artesanais dos artesãos em estudo possuem um rico valor cultural, que remete às características do território local. Entretanto, foram observadas fragilidades quanto a aspectos gerenciais, como a falta de ferramentas de controle e históricos do volume de produção e vendas que poderiam auxiliá-los para lidar com desafios e tomadas de decisões.

A partir da análise de dados obtidos com a aplicação de escala de frequência, verificou-se que para a maior parte da amostra a determinação dos preços de venda é estabelecida a partir da fixação de mark-up, apesar de apresentar-se de maneira rudimentar, uma vez que não possuem estudo sobre isso. Dessa forma a margem de lucro desejada é aplicada sobre a base dos custos considerada pelos artesãos.

Observou-se que entre os fatores considerados mais importantes para determinação dos preços de venda, o tempo de produção da peça foi o mais citado pelos artesãos. Além disso, considera-se que a maior dificuldade enfrentada pelos artesãos pesquisados está em não reconhecer todos seus custos, visto que entre eles, há alguns que apenas consideram para formação de seus preços, os valores gastos com a matéria-prima, por exemplo. Em outros casos, o problema maior é o fato de não obter o lucro desejado sobre o valor do custo de trabalho da sua mão de obra.

É importante destacar que a atividade artesanal é dotada de um sistema de produção diferenciado de uma indústria, desafiando, sobretudo, os próprios artesãos. Mas dada significativa importância na promoção cultural e territorial, é basilar o fomento de políticas públicas neste setor. Destaca-se a realização de capacitação gerencial aos artesãos.

Cabe refletir ainda sobre a autonomia que os artesãos possuem e os permite tomar decisões e adotar práticas particulares. Apesar de características que os assemelham, como a tipologia em madeira e o predomínio da produção de esculturas, são livres em relação aos tipos de peças a serem produzidas, formas de produção adotadas, e até os custos envolvidos, que por sua vez refletem nos valores que são estabelecidos em seus produtos.

É importante destacar as limitações e dificuldades enfrentadas para a realização deste trabalho. O fato de que o estudo é inovador garante relevância à pesquisa científica, no entanto constituiu um trabalho desafiador, remetendo a consulta de produções científicas em outros segmentos, mas que se assemelhasse nos principais aspectos explorados. Além disso, o nível de escolaridade elementar dos sujeitos da pesquisa refletiu em dificuldades na compreensão de alguns termos durante a coleta de dados primários, sendo necessário maior esforço para instigá-los a responder conscientemente.

Contudo, foi possível ultrapassar tais obstáculos, e evidenciou-se que estas limitações e dificuldades não foram capazes de impedir o alcance dos objetivos desta pesquisa. Ao contrário, estimulam novas reflexões e aprendizados, além de gerar novos questionamentos que podem vir a se constituir em pesquisas futuras, como: propor método específico para a formação dos preços de venda do artesanato em madeira, tendo em vista ampliar discussões nesse sentido, sobretudo, aproximá-los do conhecimento sistematizado, proporcionando-lhes aprendizados e instrumentalização que minimize suas fragilidades.

Diante do exposto no que diz respeito ao alto grau de inovatividade da pesquisa proposta, acredita-se que este estudo seja uma contribuição importante para a construção de conhecimento científico sobre o artesanato e espera-se que ele possa contribuir para estimular novos estudos e promover avanços nas análises sobre precificação e comercialização de objetos artesanais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. M. Os novos espaços produtivos: relações sociais e vida econômica no Cariri cearense. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

- BORNIA, A. C. **Análise gerencial de custos em empresas modernas**. Porto Alegre: Bookman, 2002.
- BRUNI, A. L, FAMÁ, R. **Gestão de custos e formação de preços: com aplicações na calculadora HP 12C e Excel**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- CALADO, A. L. C.; MACHADO, M. R.; CALLADO, A. A. C., MACHADO, M.A. V.; ALMEIDA, M. A. Custos e formação de preços no agronegócio. **Revista de Administração Faces**. v.6, n.1, p. 52-61, 2007. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/facesp/article/view/87/84>>
- CHITI, J. F. **Artesanía, Folklore y Arte Popular**. Ediciones Condorhuasi, Buenos Aires. 2003.
- CREPALDI, S. A. **Curso básico de contabilidade de custos**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- DELLA CAVA, R. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yedda Linhares. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FARIA, A. M.; SILVA, A.R.L. Artesanato nos estudos organizacionais: A literatura brasileira de 2006 a 2015. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.120-135, 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=441752172007>>
- GRANGEIRO, R. R. O trabalho do artesão do Cariri cearense: sua história, práticas e significados da atividade profissional. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós Graduação em Psicologia – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- GRANGEIRO, R. R.; BASTOS, A. V. B. O significado do trabalho para os artesãos da região do Cariri cearense. **HOLOS**, [S.l.], v. 2, p. 190-206, 2018. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6256>>.
- GRANGEIRO, R. R.; BASTOS, A. V. B. Organização do Trabalho Artesanal: Examinando Aspectos de Inovação e Visibilidade do Artesanato no Cariri Cearense. **Revista de Psicologia**. Fortaleza, v. 7, n. 2, p.33-48, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/6274>>.
- GRANGEIRO, R. R.; SILVA JUNIOR, J. T. **Perfil dos artesãos do Padre Cícero no século XXI: condições socioeconômicas, processo produtivo, aspectos ambientais e capacidade de organização dos artesãos de Juazeiro do Norte-CE**. 1. Juazeiro do Norte: BSG – Bureau de Serviços Gráficos, 2013.
- LAZIER, L. C. Métodos de custeio e formação de preços: um estudo de caso em uma instituição de ensino superior privada do estado de São Paulo. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Gestão e Negócios – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.
- MACHADO, M. A. V.; MACHADO, M. R.; HOLANDA, F. M. de A. Análise do Processo de Formação de Preços do Setor Hoteleiro da cidade de João Pessoa/PB: Um estudo Exploratório. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **XXX EnANPAD**. Salvador/BA: ANPAD, 2006. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-ficb-2869.pdf>>.
- MARTINS, E. **Contabilidade de custos**. 9. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2003.
- NOVAES, A. M. C. O Processo de Artificação em Juazeiro Do Norte – Análise do Centro Cultural Mestre Noza. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós Graduação em Sociologia – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

OLIVEIRA, L. M.; PEREZ JR., J. H. **Contabilidade de custos para não contadores**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, P. T. Arranjo Produtivo Local: o caso do artesanato em madeira na cidade de Juazeiro do Norte. 2009. **Monografia** (Graduação em Ciências Econômicas) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Regional do Cariri, Crato, 2009.

PADOVEZE, C. L. **Curso Básico Gerencial de Custos**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

PORTO ALEGRE, S. **Mãos de Mestre**: itinerários de arte e tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

RABELLO, S. **Os Artesãos do Padre Cícero**: condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

SANTOS, A. C.; MARTINS, P. L. Formação de Preços num Pólo Artesanal de Cluster na Região das Vertentes. In: IX SEGeT Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2012. Resende/RJ. **Anais do IX SEGeT Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 2012.

SANTOS, J. J. **Manual de contabilidade e análise de custos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SANTOS, T. N.; FELIX, W. J.; GRANGEIRO, R. R. Mulheres artesãs da palha: uma análise do perfil empreendedor. **COLÓQUIO – Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 15, n. 2, 2018. Disponível em: < <https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/viewFile/802/603>>

VERGARA, S.; SILVA, H. Organizações artesanais: um sistema esquecido na teoria das organizações. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, v. 6, n. 3, p. 32-38, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-44642007000300004&script=sci_arttext&tlng=es>

VITORIANO, G. C. A invenção da arte popular em Juazeiro do Norte. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós Graduação em História Social – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.